

QUESTÃO GERAL:

Leia os textos 1 e 2 para responder à questão:

Texto 1



Texto 2

A relativa cortadora veio para ficar. Mesmo na língua escrita mais monitorada que, em geral, observa com mais frequência as prescrições da norma-padrão, esse tipo de estratégia de relativização já dá mostras de sua força. Consultando, por exemplo, todas as edições do jornal *Folha de S. Paulo* entre os anos de 1994 e 1998, encontrei 56 ocorrências do verbo *gostar* (somente na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo) em enunciados onde a gramática normativa exigiria uma preposição DE antes do QUE. Alguns exemplos:

(6) “Nossa Bossa Nova”, a volta tardia, flagra Marcos Valle correto, embora não brilhante como no passado. Aqui ele precisa, além de fazer **o que gosta**, agradar aos ânimos anglófilos que, afinal, permitiram a ressurreição de quem nunca havia morrido. (08/12/1999, p. 4-5)

(7) Parece que as cúpulas de Globo, SBT e Record decretaram o fim do telespectador seletivo, aquele que deseja ligar a TV em certos horários e ver os programas **que gosta**, sem surpresas desagradáveis. (08/11/1998, “TV Folha”, p.2)

(8) É quase impossível dizer o que é normal e o que não é na vida sexual: na intimidade cada um faz o que quer e **o que gosta** (12/10/1998, p. 7-2).

Segundo Cunha, Costa e Martelotta (2011), é imprescindível distinguir a linguística da chamada gramática tradicional. Esta, criada e desenvolvida por filósofos gregos, apresenta, como uma de suas características, uma forte orientação normativa, que, como sabemos, visa à instituição de uma pretensa maneira correta (e única) de usar a língua. Aquela, em contrapartida, propõe-se a “analisar e descrever a estrutura e o funcionamento dos sistemas de língua, e não a prescrever regras de uso para esses sistemas” (CUNHA, COSTA e MARTELOTTA, 2011, p. 25).

A partir dos textos 1 e 2, bem como a partir das considerações do parágrafo anterior, disserte sobre o papel científico da linguística na descrição gramatical das línguas naturais, cujas estruturas estão continuamente suscetíveis a variação e mudança.

QUESTÃO DA LINHA DE PESQUISA 1- Teoria e análise linguística:

Apresentamos a seguir uma amostra de fala, um fragmento de uma entrevista, extraído do *Corpus Censo / Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (UFRJ/PEUL)*, em que fenômenos linguísticos próprios do português do Brasil podem ser observados. Escolha um desses fenômenos para descrever e explicar. Em sua abordagem do fenômeno, utilize exemplo(s) retirado(s) do fragmento em questão.

Espera-se que a resposta tenha como base reflexão teórica pertinente a alguma corrente linguística contemplada pela linha de pesquisa 1.

Falante: Nº 46

Nome: Car.

Idade: 62 anos

Escolaridade: 1 ano

Bairro: Campo Grande

Sexo: Masc.

Profissão: Sem profissão

E- (ruído) O senhor estava falando da dúvida, não é? Que o senhor ficou ... [(inint.)

F- [É, fiquei] naquela dúvida, mas uma vez que você já me esclareceu, (est) não é?

E- ("As perguntas têm que ser realmente") é não há uma um assunto específico ("a se tratar").] É um bate-papo apenas, não é? (f) Então, [uma]- uma estória que [me]- me interessou muito que o senhor contou foi [a] a sua (ruído) verdadeira epopéia até chegar lá em cima, quando naufragou o Baipendi.

F- [Específico. Está certo.] É da viagem [do] do ("como é que vamos dizer") aqui do Rio ao Norte, não é? (est) (passarinho) Rio de Janeiro e Belém do Pará, não é?

E- O senhor podia (est) recontar aquilo? (f) [Na ocasião] o senhor contou assim em poucas palavras.

F- [Reconto, ("sim").] Eu reconto, porque isso é uma estória, às vezes, que eu não conto assim para qualquer pessoa não, porque é aquele negócio: a gente conta certas coisa e a pessoa a gente sai dali e chama a gente de mentiroso. (hes) Aqui acontece muito isso. Então é o seguinte: naquele (hes) quando estourou, verdadeiramente, não é? O conflito mundial, não é? (est) O Brasil se foi se agüentando até o Brasil mandou a primeira tropa para a Itália, já em quarenta e quatro, não é isso? Durou o quê? (passarinho) Talvez um ano mais ou menos, logo após um ano, não chegou um ano, nove meses e pouco, veio o término [da]- da guerra, que ela terminou em maio de mil novecentos e quarenta e cinco. Mas, antes, o Brasil então tomou uma providência, não é? O presidente era o Getúlio Vargas, o ministro da guerra é o falecido Eurico Gaspar Dutra, não é? Marechal (est) (suspiro) então foi criado umas unidades que eram umas unidades de fronteira, (hes)

vigilância do litoral, (passarinho) então foi criados diversos gemaques, gemaques (f) é: grupo de <artilhamo- >- (hes) grupo de artilharia móvel de- (hes) de artilharia de costa, não é? [Grupo móvel de artilharia de costa]- (est) Grupo móvel de artilharia de costa. Então mandou o primeiro gemaque, mandou o segundo gemaque, mandou o terceiro gemaque, o quarto, o quinto, o sexto, até o oitavo. Depois foi criada primeira bateria móvel de artilharia de costa, aquela primeira bemaque a que eu tomei parte, (suspiro) e fizeram mais duas: a segunda bemaque e a terceira bemaque.

(...)

eu fui em setenta e sete à Paraíba, a João Pessoa, mas eu (passarinho) lá tive que ir a Guarabira. Fui levar umas encomendas, um rapaz que me pediu. Fui lá em Guarabira levar. Fui eu e aqui minha patroa. (est) Cheguei lá nessa casa, quem nos atendeu, para não fugir à regra no nome, foi dona Severina, não é? (riso de e) foi dona Severina mesmo, que é uma senhora, não é? Aí, ficamos lá na varanda, batendo um papo, conversando muito com dona Severina, e (passarinho) e dona Severina: (imitando) "o senhor, moço, o senhor é do Rio mesmo?" Eu digo! "Sou, dona Severina, sou do Rio mesmo." (vozes) (imitando) "Mas sabe por quê? É porque eu estou conversando com o senhor, o senhor é carioca e eu estou entendendo tudo que o senhor está me dizendo. (riso) Tudo que o senhor está me dizendo como carioca eu estou entendendo. (passarinho) Mas meus sobrinho não; vão lá para o Rio de Janeiro, passam lá quatro, cinco mês, quando chegam aqui, eu não entendo nada do que eles diz!" (est) Então, eu vou lhe dar uma explicação, dona Severina: "é o ambiente que o sujeito que a pessoa vive lá no rio. É porque o seu sobrinho é o seguinte: o rapaz, eu não vou dizer seu sobrinho, [não é?]" Depois eu fui até saber, ("depois") ela me mostrou uns quadro na parede, ela era irmã de (choro) dois escritores paraibanos famosos (est) não é? Lá, tinha lá os nome dele. (choro) (est) Pessoas ela morava até numa essa casa é uma casa muito boa, apesar de ser em guarabira, ("era") uma família de muito recurso. (passarinho) Então, ela dizendo para mim. Eu digo: "olha, vou lhe explicar, dona Severina: seus sobrinho vão daqui para lá. Quando a pessoa está no rio, manda chamar e acolha, tal. Mas o rapaz sai daqui para lá para procurar emprego, não encontra, ("ele") é do ambiente que ele vive. (passarinho) Eu sei o que é. Eu sei o eu vou dizer assim- eu sei o que é." (imitando) "É, porque ele chegam aqui com umas conversa, sabe, seu Carlos? Umas conversa que eu não entendo.

QUESTÃO DA LINHA DE PESQUISA 2- Teorias do texto, do discurso e da tradução:

Excerto 1: "Diferentes estudos do texto e do discurso, com seus princípios teóricos e metodológicos, propõem perspectivas diversas para seu exame. Há, porém, um ponto de vista comum nesses caminhos dos estudos da linguagem: a análise do discurso vai além da dimensão da palavra ou da frase e se preocupa com a organização global do texto; examina as relações entre a enunciação e o discurso enunciado e entre o discurso enunciado e os fatores sócio-históricos que o constroem."

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à Lingüística*. II Princípios de análise. 5 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 187.

Excerto 2: Segundo Charaudeau e Maingueneau, "Halliday e Hasan definiram texto como uma unidade de uso da língua em uma situação de interação e como uma unidade semântica: 'Um texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas antes como uma unidade de tipo diferente: uma unidade semântica. A unidade que um texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente no qual está inserido'".

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 467.

Excerto 3: “(...) sempre que alguém escreve há uma expectativa de que o texto produzido seja o reflexo de determinados discursos e que, portanto, espelhe as maneiras de falar ou escrever das diferentes instituições que regulam a comunidade onde o indivíduo está inserido.”

MEURER, José Luiz. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997, p. 17.

Excerto 4: “O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como *efeito de sentido* entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico. (...) A análise de discurso procura então mostrar o funcionamento dos textos, observando sua articulação com as formações ideológicas.”

ORLANDI, Eni. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2009. p. 60-61.

Após a leitura dos quatro excertos, analise os dois textos a seguir, mobilizando uma perspectiva teórico-metodológica dos estudos do texto e do discurso. Em uma única dissertação, escreva sobre:

- a) estratégias linguísticas e discursivas, geradoras de significação/sentido nos textos;
- b) a imagem que o Eu-enunciador constrói de si mesmo e do outro;
- c) a relação entre os dois textos.

Texto 1: Eu, etiqueta

(...)

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens, letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É duro andar na moda, ainda que a moda

Seja negar minha identidade,

(...)

Meu nome novo é Coisa.

Eu sou a Coisa, coisamente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 86.

Texto 2:



LAVADO, Joaquim Salvador (QUINO). *Toda Mafalda*. Rio de Janeiro: Martins Fontes Editora, 1997, p. 372.

QUESTÃO DA LINHA DE PESQUISA 3- História, política e contato linguístico

Leia as definições de *linguagem* abaixo transcritas:

- 1) Linguagem é a expressão do pensamento por meio de sons articulados. Sons articulados significativos, quer proferidos quer representados por símbolos, chamam-se palavras.

(RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 10 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C., 1911 [1881], p. 2).

- 2) LINGUAGEM é “um conjunto complexo de processos – resultado de certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer”. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de linguagem, ou seja, a LINGUAGEM FALADA OU ARTICULADA.

(CUNHA, Celso; Cintra, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 1).

- 3) Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

(BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 30).

Como se percebe, as definições estão em gramáticas brasileiras do português publicadas em épocas distintas e entremeadas por expressivo lapso temporal: a primeira do final do século XIX, a segunda do final do século XX e a terceira, em sua 35.^a edição, do início do século XXI. Com base na conhecida afirmação de Antoine Meillet de que “cada século tem a gramática de sua filosofia”¹ e levando em conta a tese historiográfica de que as ideias linguísticas resultam da atmosfera intelectual da época em que são formuladas, trace um comentário sobre a definição de linguagem proposta por cada gramático referido, indicando suas possíveis identidades e distinções.

¹Chaque siècle a la grammaire de sa philosophie (MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1921, p. VIII).